

HOMENS E HERÓIS NA CONSTRUÇÃO DA PROFISSÃO

Flavia de Oliveira Barreto

Toda uma geração de cientistas sociais, entre os quais me incluo, foi profundamente influenciada pelo marxismo, nas décadas de 70 e oitenta, o que contribuiu para formar um olhar específico acerca das relações que os homens estabelecem entre si, ao realizarem as atividades produtivas que lhes garante a sobrevivência material.

Orientado por este referencial teórico, o pesquisador pode proceder à descrição detalhada da ocorrência da expropriação da mais-valia e dos conflitos entre as classes sociais, percebidas como sintomas do enfraquecimento das forças produtivas capitalistas, pois os fatores econômicos são percebidos como determinantes de onde emerge o conflito advindo da exploração contida na relação de produção capitalista.

Alguns autores ampliam as possibilidades desta perspectiva, como Harry Braverman, que faz uma contribuição inovadora ao observar como se dão as relações no chão de fábrica, inaugurando uma espécie de “estilo antropológico” de análise das relações de produção, embora de espectro restrito ao local de trabalho. E, Edward P. Thompson com o histórico da formação da classe operária inglesa, podemos ver que a influência da história das mentalidades lança sobre os estudos da sociologia do trabalho, uma lufada de ar fresco que sugere novas possibilidades, ao que até então, estava consagrado como um campo exclusivo da produção marxista clássica.

Compartilhar a experiência que levou à busca de uma reordenação teórica é tornar claro o processo de embate que ocorre com os pesquisadores, a relação sempre “comprometedora” destes, quando se encontram entre o trabalho de campo e o delineamento da práxis teórica, ao partirem para o contato com “outras” realidades, habitadas pelas vivências de outros atores sociais.

Nesses momentos, os cientistas sociais crêem, muitas vezes, estar municiados por um arcabouço teórico que, aparentemente, parece lhes assegurar que o trabalho de

pesquisa está organizado, balizado previamente pelo referencial teórico escolhido e adequado à leitura daquela pequena parcela da realidade social, eleita, criteriosamente, no processo de construção do objeto.

Todas essas influências teóricas estavam presentes na elaboração do projeto de pesquisa que precede a tese “Oficina de Heróis”. A pesquisa sobre o processo social dinâmico em que se forma a categoria profissional dos mergulhadores profissionais foi pensada como um estudo que se voltaria de modo exclusivo para o trabalho, palco privilegiado na constituição deste referencial. Porém, ocorreu uma reviravolta nos primeiros depoimentos tomados aos integrantes da categoria. E essas teorias foram colocadas em questão, no contato com os mergulhadores profissionais que, desde as primeiras narrativas, se ocupavam de longas aventuras, animadas por peripécias dignas de um Marco Pólo, o viajante do maravilhoso.

A proposta que orientava então o trabalho objetivava uma descrição do processo de organização de uma atividade produtiva que acontece na indústria petrolífera, aparentando ser muito distinta do modelo pós-fordista, ou flexível, por conta da militarização evidenciada nas realizações de “operações de mergulho”.

A tentativa de compreensão da atividade subaquática que se revelou profundamente complexa, demandou um esforço intenso de estudos de manuais de procedimentos, discurso ao qual os cientistas sociais são avessos (incluindo esta pesquisadora) pela própria opção de carreira que contém, implicitamente, uma rejeição ao discurso técnico.

Quanto mais incompreensível parecia ser o mergulho de saturação envolto por máquinas sofisticadas, robôs, e alucinações só inteligíveis à luz da fisiologia dos gases, mais impossível parecia o entendimento deste processo de trabalho, sempre descrito difusamente e embalado por uma aventura dramática, da qual alguém emergia vitorioso e heróico. As narrativas, que alcançavam mais de três horas de duração, nos casos mais comuns, pareciam carecer de consistência e elementos palpáveis para o mapeamento configurativo de um modelo de organização da produção. A crise que sobreveio levou ao

questionamento da proposta de pesquisa, aos sombrios pensamentos de abandono, à sensação de derrota por incapacidade.

Não havia como aproveitar o material coletado, posto que este não era indicativo de nada do que estava sendo procurado e, muito menos, existia um modelo cognitivo, tão procurado, que iluminasse a organização da produção.

Somente, a exaustão e o abandono dos princípios teóricos previamente estabelecidos puderam contribuir para que o mistério fosse solucionado: a relação de produção estabelecida entre o trabalhador subaquático e os empregadores está impregnada de simbolismo próprio da cultura masculina, cristalizada no mito do herói. O papel mediador da cultura de gênero se impõe ao contexto de trabalho, estruturando as relações a partir de um poder simbólico aplicado a essa esfera da vida social que costumeiramente era lida apenas com os óculos das teorias fundadas no econômico e no político, quer seja em micro, ou macro espectro.

O percalço teórico relatado tem a profundidade própria do papel desempenhado pelas idéias no desenrolar do trabalho de um pesquisador. A estruturação do pensamento, óculos através de cujas lentes podemos “ler” a realidade de que nos ocupamos. Essa surpresa inicial marcou profundamente o processo de pesquisa, porque o esforço feito, anteriormente, precisou ser descartado, dando partida ao enfrentamento de um campo teórico com o qual jamais havia dialogado antes: a literatura de gênero.

Tanto a força da realidade social, quanto à rebeldia do cotidiano, tornaram inoperante a escolha teórica que orientou a elaboração do projeto. Esse confronto entre teoria e prática que pode assolar os pesquisadores criou um sabor de desafio ao desenrolar da pesquisa, na qual a luta entre a compreensão teórica e o referencial empírico se sucedeu uma avalanche de dúvidas e descobertas que implicaram na obrigatoriedade de retomar essa conturbada reflexão.

São os estudos culturais que assumem para o presente trabalho a perspectiva adotada, pela possibilidade ilimitada de conjugar a esfera da socialização de gênero, onde se produz a cultura masculina, à análise dos conflitos próprios do trabalho em uma

sociedade capitalista, evidenciados no cotidiano dos trabalhadores subaquáticos que se encontram profundamente impregnados por uma névoa de simbolismos e rituais que muito contribuem para o obscurecimento do conflito capital trabalho.

Assim, um dos saldos do esforço de pesquisa foi aprender uma lição de humildade, a lidar com os próprios limites e entender que as expectativas quanto a explicações totalizantes devem ser reduzidas, pois somente será possível apreender parcialmente um processo, sendo vedadas as pretensões a uma verdade total, mas que o acesso a "uma parte é essencial à compreensão do todo" (Berreman, 1990, p.173).

As visitas ao sindicato foram ocorrendo, os contatos feitos como visitante, sem intimidade, acontecendo diálogos com pessoas que procuravam manter distância ao receberem estranhos. Duplamente estranhada como pesquisadora não integrante da categoria e como indivíduo do sexo feminino, recebi a sugestão de entrevistar um ex-presidente, para esclarecer passagens da história da categoria. A realização dessa entrevista teve o poder de modificar completamente a relação pesquisadora/pesquisado. Ao revelar as preciosidades que foram coletadas, todos se deliciaram com a narrativa¹ e, repentinamente, afluía uma disposição simpática de contribuir, onde cada um queria contar as próprias histórias. "Parece que o fato de possuímos uma parte da memória deles nos tornou uma espécie de orelha, depósito de informações, ou coisa que o valha"; registra o caderno de campo em 19 de outubro de 1992.

A memória registrada exerceu um claro fascínio em todos eles. Trouxe à lembrança, situações difíceis, emocionantes e a presença da pesquisadora no sindicato passou a ser impregnada de uma afetividade emotiva, compartilhada pelos trabalhadores. Estabeleceu-se a fase das "meninas"², termo utilizado para designar tanto a minha presença, quanto a de uma jovem pesquisadora que me acompanhava nessas visitas, buscando desenvolver um trabalho para subsidiar a elaboração de uma projeto para o mestrado. A partir do evento da entrevista, a todos os que chegavam ao sindicato, os membros da diretoria apresentavam as "meninas" que estavam fazendo um trabalho para contar a história da categoria...

Um dos subprodutos da pesquisa foi a produção de um Registro de Acidentes de Trabalho, componente da história da categoria, complemento para a percepção das condições de vida e trabalho desses profissionais. Esse instrumento, construído em um trabalho que contou com a participação auxiliares de pesquisa, registra a possibilidade de contribuição da história oral, para o esclarecimento de fatos, de que os registros documentais e as reportagens de época não conseguem traduzir a dimensão humana presente, nem a real dramaticidade envolvida neles.

O propósito de registrar o percurso da atividade subaquática atende à necessidade de balizar o descompasso imenso entre o avanços tecnológicos e científicos alcançados a respeito do mergulho, a criação dos equipamentos, a elaboração das normas que orientam os procedimentos e a prática cotidiana que utiliza de tecnologia criada, em relação ao cotidiano de trabalho no período em que o mergulho profissional no Brasil vive o início da fase em que se forma a categoria. Quando o mergulho profissional, no Brasil, começa a abandonar a escafandria, na década de 60, também nesse momento o mercado de trabalho começa a apresentar requisição desse tipo de mão de obra, com constância. Quase tudo está por ser descoberto na prática, pelos novos profissionais.

Aventura e Trabalho no Brasil

A trajetória do mergulho profissional no Brasil tem uma particularidade, em comparação com o percurso feito pelos praticantes dessa atividade em outros países. Como que ignorando todo o conhecimento e a tecnologia já acumulada, os mergulhadores profissionais brasileiros fazem o caminho do amadorismo para a profissionalização.

Esse processo peculiar se deve, sobremaneira, à imposição do capital que, prioritariamente, é poupado. Embora os equipamentos para as operações de mergulho já alcançassem um nível elevado de sofisticação na Europa e nos E.U.A., no período em que as exigências do mercado de trabalho intensificam as atividades subaquáticas, dando origem a uma nova categoria de profissionais, os empresários brasileiros dedicados à

engenharia subaquática, constroem improvisadamente os próprios equipamentos, e os trabalhadores vão aprendendo a função “*on the job*”.

A história do mergulho profissional no Brasil é um rico e doloroso processo de inovações tecnológicas e de luta pela normatização dos procedimentos e regulamentação da profissão.

O mergulho profissional surge em nosso país por volta de 1960. Anteriormente, alguns trabalhos eram realizados no campo da construção civil, com a necessidade de ampliação de portos, construção de cais, barragens, pontes, etc. Nesse período, o trabalho ainda é inconstante. Os homens que pretendiam viver de mergulho encontravam, quase exclusivamente, a EBOS³ como contratante. O mergulhador não possuía carteira assinada, era um prestador de serviços, requisitado quando havia necessidade. Foi utilizado, em 1962, na Baía de Guanabara, no lançamento do primeiro oleoduto submarino da América Latina, na instalação dos cabos de eletricidade para o fornecimento de energia elétrica que abastecem a Ilha do Governador; o lançamento do emissário submarino, na Zona Sul do Rio de Janeiro; e em outros trabalhos. Quando não havia construções, reparações de cais, atracação de navios, sempre restava a pesca da lagosta, a exploração de barcos afundados, de onde podiam ser retirados cobre, bronze, sucata em geral...

Esse mercado informal, na década de 70 se amplia e estabiliza com a construção da Ponte Rio-Niterói. Até então, os mergulhos realizados não ultrapassavam a marca dos 50 metros, sendo considerados mergulhos rasos⁴. A construção da ponte Costa e Silva, a Rio-Niterói, vem dar início à atividade de mergulho profundo com a utilização de misturas gasosas heliox. A imposição da mistura gasosa se devia ao fato de que após os 50 metros de profundidade, o ar comprimido dá narcose⁵. As complicações vinham do desconforto com a longa descompressão⁶, que sujeitava o mergulhador ao frio, proveniente da respiração do gás hélio que induz à perda do calor pela respiração. E, os mergulhadores, em seu amadorismo, desenvolviam suas próprias estratégias de resistência, para ampliarem a suportabilidade a esse processo torturante, aspectos heróicos de um cotidiano profissional somente alcançado pelas longas narrativas dos trabalhadores:

Não adiantava botar roupa grossa: algumas horas depois o sujeito já estava morrendo de frio e tinha que ficar lá, sofrendo, tremendo de frio, até chegar na hora que trocasse para o ar comprimido novamente, já era bem mais raso. Ele realmente esquentava e não tinha mais esse problema. Era tanto frio que a gente guardava o mijo para mijar na volta, para esquentar a roupa! Então, para evitar isso, muitas vezes, até 80 metros a gente fazia mergulho no ar comprimido, sem ninguém saber - nem os engenheiros da ponte. Eles pensavam que a gente estava fazendo mergulho no hélio, mas estava fazendo mergulho no ar comprimido. Se bem que não havia muito risco, porque o mergulho dentro do tubulão não tem por onde se perder, não tem o que acontecer”⁷.

O mergulho profissional evolui, desenvolvendo novos equipamentos e tecnologia, permitindo alcançar maiores profundidades. O desenvolvimento foi de tal modo acelerado, que o mergulhador mal tinha tempo de absorver as novas técnicas. Houve um grande crescimento deste mercado, que em muitas ocasiões incorporou pessoas inexperientes, ou mesmo não habilitadas para a função, o que implicou em aumento de acidentes.

A história do processo de formação da categoria dos trabalhadores subaquáticos não se encerra no início da prospecção de petróleo, ao contrário, tem nesse momento o principal ponto de partida. A prospecção de petróleo obriga a contratação contínua de empreiteiras que forneçam à Petrobras o trabalho subaquático, atividade fim, sem a qual torna-se impossível a extração de petróleo no mar, a manutenção e inspeção das estruturas submarinas das plataformas petrolíferas.

A formação da categoria, uma coletividade de mergulhadores profissionais, a partir das exigências do mercado de trabalho especialmente voltado para a indústria petrolífera, não ocorreu de modo linear. Formam-se grupos, gerados por estratégias de

contratação dos empresários que, segundo relatam os mergulhadores, pretendiam desarticular e enfraquecer a categoria recém formada, além de baratear os custos do trabalho. A contratação de pessoas despreparadas, de origem social e cultural mais vulnerável, contribuiu para a submissão aos interesses patronais, promovendo um inchaço na categoria.

Os depoimentos articulam a vida pessoal e a construção da profissão com os ideais, a abnegação, a renúncia, a combatividade, os valores retos e coletivos, todos os ingredientes de um herói em luta pelo reconhecimento social, político, trabalhista da grandeza do trabalho que exerce. O sofrimento é próprio do percurso dramático que acompanha o início da vida profissional e se aprofunda sem nunca se esgotar.

Deste modo, somente por meio do método de pesquisa da História Oral foi possível realizar o registro desta experiência coletiva, especialmente, devido à inexistência de documentos outros que registrem com riqueza a trajetória desta categoria profissional dos mergulhadores profissionais, homens pós-modernos e heróis pré-modernos no universo da informalidade/formalidade.

¹ A entrevista foi transcrita na íntegra e disponibilizada para apreciação do entrevistado e dos componentes da diretoria sindical.

² “meninas” categoria usada pelos “nativos” para se referir às pesquisadoras.

(...) Provavelmente, a reação inicial dos sujeitos ao etnógrafo que os estuda será sempre uma tentativa de identificá-lo como ator de um papel familiar. (Idem, pg.145)

³ EBOS – Empresa Brasileira de operações submarinas, precursora do mergulho profissional no Brasil, dá origem à BH Engenharia que atuou na construção da Ponte Costa e Silva a Rio-Niterói.

⁴ Mergulho raso – mergulho até 50 metros, com utilização de ar comprimido fornecido por equipamento autônomo ou dependente.

⁵ Narcose – parece-se com embriaguez alcoólica. À medida que a profundidade aumenta, deteriora-se a destreza física, mental e sensorial, até a total desordem.

⁶ Descompressão – conjunto de procedimentos para promover o processo de retirada do nitrogênio espalhado pelo corpo e absorvido em mergulho com utilização de misturas gasosas e ar comprimido. Estes procedimentos são indispensáveis para o retorno do mergulhador à pressão atmosférica, pois é a única forma de garantir a integridade física.

⁷ Entrevista com A.C.- Antônio Carlos Régis Jacques. Presidente do SINTASA em 1986.